



Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas

Ana Cristina C. Santos¹, Simone Brandão Souza² e Thaís Faria³

A construção discursiva sobre a existência lésbica é permeada de invisibilidades. Dentro dos campos de gêneros e sexualidades, por exemplo, uma grande dificuldade para as pessoas estudiosas da lesbianidade é a produção acadêmica, ainda restrita, sobre a temática. Um dos fatores determinantes para a existência escassa de trabalhos nessa área é o fato de que durante um longo período a lesbianidade foi tratada como um apêndice da homossexualidade gay, um seu quase sinônimo. Significa dizer que os estudos discutiam as homossexualidades de forma quase homogênea, gerando, de acordo com Rich (2010), um apagamento da existência lésbica na academia.

Esse fator contribuiu para conferir não apenas invisibilidade à lesbianidade, mas sobretudo por promover pouca produção sobre o tema. Favoreceu ainda a publicação de trabalhos que tratam dessa experiência de forma enviesada, na medida em que falam a partir de um olhar masculino que se faz presente na maioria das produções sobre as homossexualidades e que não capturam as especificidades da existência lésbica.

O crescimento das produções sobre lesbianidade, que falam a partir do e sobre o universo lésbico, foi influenciado pelo surgimento de ONGs de lésbicas, através do processo afirmativo da identidade lésbica iniciado na década de 1970 e intensificado na década de 1990. Podemos afirmar, portanto, que historicamente esse incremento nos trabalhos acadêmicos sobre a lesbianidade possui nexos com a autonomização do movimento lésbico em relação ao movimento homossexual ou da identidade lésbica em relação às outras identidades políticas.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará e professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: ayana_candace@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: sibrandoufrb@yahoo.com.br

³ Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia e professora substituta da Universidade Federal da Bahia. E-mail: thafariacastro@gmail.com

Não queremos com essas observações essencializar as identidades ou afirmar nenhuma supremacia da produção endógena lésbica nem deixar de considerar a pluralidade de experiências dos grupos identitários. Importa-nos, porém, situar a necessidade de se tratar a lesbianidade a partir de um olhar não impregnado de valores e cultura masculina, colonizado, que atravessa as publicações sobre as homossexualidades de uma forma geral, reproduzindo especificidades do universo gay sem dar visibilidade às peculiaridades do mundo lésbico.

Essa crítica não é inédita, pelo contrário, ela foi um dos motes centrais da autonomização dos movimentos lésbicos em relação aos movimentos gays, expressos inclusive em peças de divulgação, como a frase impressa no postal da ONG Nuances (Grupo Pela Livre Orientação Sexual), do Rio Grande dos Sul, e reproduzida em artigo de Almeida (2008): “Não somos meninas gueis, somos lésbicas”.

Então, é importante que as produções sobre lesbianidade sejam pensadas não a partir de um discurso que constrói e significa o universo masculino, mas que sejam frutos de uma postura crítica e questionadora sobre a heterocentricidade, e da identificação entre mulheres (RICH, 2010) e não destas com o universo heterossexual normalizador, hierárquico e classificatório.

O risco, nesse caso, é o de, como acontece com a produção literária e acadêmica feminista sobre a lesbianidade, se ter por referência central o homem, reproduzindo a normalidade das relações heterossexuais e reforçando assim a heterossexualidade como uma instituição política que não potencializa as lésbicas, posto que, na perspectiva da heterocentricidade, as lésbicas possuem o lugar da subalternidade (RICH, 2010).

O Dossiê *Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas* foi idealizado, portanto, a partir dessa lacuna histórica e da necessidade de darmos visibilidade às produções das e sobre as existências lésbicas, pensando suas vivências subalternizadas mas também suas resistências, a partir de perspectivas interseccionais, nas quais se entrecruzam diferenças étnico-raciais, de identidades de gênero, classe social, geracionais, sexualidades, estéticas e que, embora funcionem como fatores de subordinação, conforme afirma Crenshaw (2014), também podem se constituir em potência e, através da agência lésbica, rasurar as normatividades.

Os artigos aqui reunidos trazem essa perspectiva interseccional, o que possibilita analisar acontecimentos e processos em sua complexidade e de forma circunstanciada.



Possuem ainda uma diversidade temática que se ancora, majoritariamente, em abordagens pós-coloniais, queer e nos estudos subalternos.

Inauguram o dossiê quatro artigos que tratam da resistência a partir do ativismo político do movimento lésbico, resgatando sua história desde o período da Ditadura Cívico-militar, passando pela redemocratização do país até a atual crise política, desencadeada pelo golpe ao Estado democrático de direito através do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, processo que tem por particularidades o recrudescimento do conservadorismo, a criminalização dos movimentos sociais e o desmonte das políticas públicas que vêm afetando diferentes segmentos subalternizados, incluindo as diversidades sexuais e de gênero.

Assim, o artigo *Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Civil-Militar (1964-1985)*, através de uma abordagem feminista, recupera, historicamente, a ação política do movimento lésbico durante o período de exceção no Brasil e discute a invisibilidade desse processo de resistência a partir do classismo, racismo e sexismo.

A história do movimento lésbico é retomada e cartografada, a partir de uma perspectiva interseccional, em *LBL - Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta política*, e tem como recorte a criação da primeira rede feminista de lésbicas e mulheres bissexuais, a LBL, importante organização que, em nível nacional, e através de processo formativo, contribuiu para afirmar e dar visibilidade às identidades lésbicas.

A experiência de grupos organizados de lésbicas que, a partir do ativismo político, contestam as normatividades e lutam por visibilidade e direitos através de diversas ações criativas, é discutida de forma qualificada no artigo *Numa luta marginalizada não cabe uma atuação tradicional: a Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte*. A abordagem vale-se dos estudos lésbicos e de gênero para analisar tais ações que se constituem em potente instrumento político de resistência do movimento lésbico.

O artigo seguinte, intitulado *Exercendo a crítica lesbofálica às demandas por "uma cidadania LGBT" no contexto brasileiro (2008-2016)*, estabelece diálogo com os anteriores ao abordar o agenciamento do movimento LGBT no que ele concebe por cidadania e realiza uma análise consistente das políticas públicas destinadas à população LGBT nos períodos das gestões dos governos de Lula da Silva e Dilma Rouseff. Para tanto, a autora utiliza o que



denomina de “crítica lesbofática” na análise dos jogos de poder que se estabelecem entre o movimento LGBT e o governo.

Em *Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária*, a autora pensa sobre quem é considerado humano e reflete sobre como uma epistemologia negra sapatão pode ser um dos pontos produtivos para pensar uma teoria de liberação decolonial.

A narrativa de quatro lésbicas negras ativistas é visibilizada no artigo *Lésbicas negras, identidades interseccionais*. Ser mulher, negra, lésbica, em uma sociedade machista, racista e lesbofóbica, é problematizado de modo interseccional e o texto aponta quais as estratégias de resistências são utilizadas por essas mulheres.

Para pensar a violência que entrecortam os corpos negros lésbicos, o artigo *Uma análise interseccional da morte: Luana Barbosa e a insubordinação às estruturas* analisa e compreende a publicização da morte de Luana Barbosa, mulher negra e lésbica, moradora da periferia da cidade paulista de Ribeirão Preto, no ano de 2016, através de cinco sites brasileiros.

Ainda no contexto de debate das violências, o artigo “*Mal Amadas*”, “*Porcas*”, “*Feminazis*”, “*Sujas*”, “*Xanatumzel*”, “*Nojentas*” e “*Xontuzeis*” – *análise dos discursos de ódio sobre a performance Pelos Pelos e seus desdobramentos* traz uma análise quanti qualitativa dos discursos de ódio sobre a performance *Pelos Pelos* (2013), realizada pela coletiva Tete a Teta. A ação consiste em duas mulheres unidas pelos pêlos pubianos e que andam pelo centro da cidade, num horário de grande movimentação. Os registros dessa performance se tornaram *memes* de um perfil antifeminista no Facebook, que tem como propósito satirizar esse movimento social. As autoras analisam essas falas para qualificar ainda mais o debate feminista sobre discursos de ódio.

Já o artigo *A lesbianidade e a surdez* discute a sexualidade de mulheres lésbicas com deficiências, em especial das lésbicas surdas, e revela que, além das dificuldades de informações, elas também enfrentam o preconceito da família e sociedade, o que torna urgente a pauta das deficiências no movimento lésbico e feminista.

Do amor entre mulheres: narrativas de amores e lesbianidades é o artigo que segue com o nosso dossiê. Este texto é fruto de uma dissertação de mestrado que se propôs a pensar as relações amorosas entre mulheres. São relatos de cinco mulheres lésbicas sobre relacionamentos amorosos e narrativas que foram construídas sobre suas histórias. Esse artigo



pretende pensar sobre as lesbianidades e apresentar algumas discussões que foram produzidas por meio da construção destas narrativas.

As produções cinematográficas que abordam um roteiro lésbico ainda são embrionárias no cinema nacional brasileiro e os escassos filmes produzidos trazem uma visão homogeneizada das lésbicas que desconsidera as suas diversas identidades. Essa é a temática tratada no artigo *Em busca de um cinema lésbico nacional*, que aponta que a maior parte desses filmes são escritos e dirigidos por homens que deixam a perspectiva do olhar feminino de fora. O texto ainda trata sobre os poucos investimentos existentes para essa temática.

A lesbianidade na mídia social *tumblr* é analisada no artigo *O que podem fazer duas vulvas? Sexo feminino, gênero lésbico*, que problematiza de que forma se constitui a sexualidade e o sexo nesse espaço. O gênero para além do feminino e reconhecido como lésbico é a provocação do texto ao asseverar que o gênero lésbico é subversivo ao questionar a compreensão que se tem por gênero.

O artigo “*Para eles eu não existo*” - *A invisibilidade da negra não heterossexual nas telenovelas brasileiras* mostra o apagamento midiático e/ou o lugar de não protagonismo de personagens que não correspondam ao perfil masculino, branco e heterossexual nas telenovelas. Assim, a presença de personagens lésbicas negras são escassas e invisibilizadas, o que reforça a marginalização e opressões.

Quem finaliza o dossiê é o artigo *Sapatão é revolução: censura, erotismo e pornografia na obra de Cassandra Rios*, que traz as narrativas da escritora brasileira Cassandra Rios e o protagonismo lésbico na literatura brasileira. Esse artigo pretende discutir como Cassandra Rios, por meio de um discurso aparentemente popular, conseguia levar a um grande número de leitores questões sobre a subjetividade de uma parcela da população estigmatizada durante um tempo em que existiu uma censura rígida na produção literária.

Boa leitura.

Referências

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. *Revista Bagoas*, n.5, [1980] 2010, p. 17-44.

